

DOCUMENTOS DA ARQUITETURA MODERNA NA PARAÍBA: O VERTICAL MODERNO EM CAMPINA GRANDE

*DOCUMENTS OF MODERN ARCHITECTURE IN PARAÍBA:
THE MODERN VERTICAL IN CAMPINA GRANDE*

*DOCUMENTOS DE ARQUITECTURA MODERNA EN PARAÍBA:
LA VERTICAL MODERNA EN CAMPINA GRANDE*

Lucas de Souza Jales¹

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo apresentar uma breve contextualização da verticalização ocorrida no período da modernidade arquitetônica em Campina Grande. Traçando um breve histórico, a partir de iniciativas ditas “verticalizantes”, o surgimento dessa tipologia na cidade representou o avançado grau de possibilidades construtivas locais, bem como a notável escala de produção dos agentes econômicos desenvolvedores locais.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura moderna; Verticalização; Edifício alto.

ABSTRACT

This essay aims to present a brief contextualization of the verticalization that occurred during the period of architectural modernity in Campina Grande. Weaving a brief history, based on so-called “verticalizing” initiatives, the emergence of this typology in the city represented the advanced level of local construction possibilities, as well as the notable scale of production of local economic developers.

KEYWORDS: Modern architecture; Verticalization; Tall building.

RESUMEN

Este ensayo pretende presentar una breve contextualización de la verticalización ocurrida durante el período de la modernidad arquitectónica en Campina Grande. A través de una breve historia, basada en las llamadas iniciativas de verticalización, el surgimiento de esta tipología en la ciudad representó el avanzado nivel de posibilidades de construcción local, así como la notable escala de producción de los promotores económicos locales.

PALABRAS CLAVE: Modern architecture; Verticalization; Tall building.

¹ Arquiteto e Urbanista, UFPB, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, lucassjales@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A primeira metade do século XX se demarcou como um dos principais períodos de crescimento - Econômico e populacional – de Campina Grande. De pouco mais de 10 mil habitantes no início desse século, a cidade registraria no censo de 1960 mais de 200 mil habitantes, tornando a maior cidade da Paraíba e a quarta maior cidade do Nordeste brasileiro. Muitos autores (Cabral Filho, 2007; Queiroz, 2008; Almeida, 2010) destacam que um ponto chave para o início desse crescimento foi a chegada do ramal ferroviário, vindo Recife e inaugurado em 1907, contribuindo na conectividade e velocidade das mudanças na cidade.

Nesse âmbito, iniciativas modernizantes no meio urbano vieram a ocorrer, destacadamente entre as décadas de 1920 e 1940, modificando o antigo perfil colonial das áreas mais antigas da cidade. Dado esse contexto, a arquitetura moderna encontraria um ambiente fértil para sua chegada e consolidação a partir dos anos 1940. Afonso (2022) registra as inúmeras variantes tipológicas produzidas localmente, bem como uma interessante variedade de profissionais que atuaram na cidade, muitos dos quais, vindos de fora e notadamente da cidade do Recife. Desse universo tipológico moderno produzido, colocamos aqui em destaque o edifício alto de uso misto.

VERTICALIZAÇÃO DA MODERNIDADE EM CAMPINA GRANDE

Iniciativas de verticalização – ou verticalizantes – são demarcadas em Campina Grande a partir das primeiras edificações com elevadores, essas constituídas pelo edifício da prefeitura municipal (atual biblioteca municipal) e o Grande Hotel. Queiroz (2008) cita que esses edifícios se constituíram um marco na paisagem da cidade, antes demarcada apenas pela torre da catedral como elemento vertical principal. Construídos entre os anos de 1936 e 1942, foram concebidas dentro das iniciativas de modernização urbanas, encabeçadas pelo poder público local. Incentivos à verticalização também ganharam força no setor privado, que viria a desencadear na década seguinte, a origem do edifício alto na cidade.

Figura 1: Edifícios do Grande Hotel (esq) e Prefeitura Municipal (dir) em panorama com a cidade nos anos 1940.



Fonte: Acervo dos Municípios Brasileiros (biblioteca.ibge.gov.br), adaptado pelo autor (2024).

Utilizando Nery (2001), definimos aqui o edifício alto a partir de toda e qualquer edificação que possua mais de trinta metros de altura e dez pavimentos, que também representa dentro do contexto campinense aqui apresentado, uma nova escala dessa produção arquitetônica.

UM INÍCIO

Podemos aqui colocar sob uma perspectiva de periodização, as datas englobadas na pesquisa de Macêdo (2019), respectivamente ao período compreendido entre os anos de 1942 e 1969. Como citado anteriormente, em 1942 ocorre a inauguração do Grande Hotel e da Prefeitura Municipal, as primeiras edificações com elevadores em Campina Grande. No curso de iniciativas modernizantes locais, essas construções simbolizariam até o final da década seguinte, os elementos construídos mais altos visualizados na paisagem campinense, distinguindo-se dos sobrados ainda existentes na área central.

É no final dos anos 1950 que esse cenário citadino viria a mudar mais vez. Com construção iniciada em 1957, o Edifício Rique – originalmente nomeado Edifício Banco Industrial de Campina Grande – é o primeiro exemplar dessa tipologia constituído na cidade. Jales *et al* (2024) cita que esse contexto é marcado por um ideário de modernidade, estando a figura do edifício alto representando e simbolizando uma imagem de desenvolvimento. É interessante notar, que essa questão parece também estar atrelada a esta tipologia em diferentes cidades e realidades, demarcando o edifício alto como elemento presente em uma “grande cidade”.

Figura 2: Panorama urbano de Campina Grande no final dos anos 1950, onde observa-se no canto direito, o Edifício Rique em reta final de construção (canto direito), passando a se destacar na paisagem.



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2024).

Almeida (2010) cita o destacado simbolismo que o Edifício Rique representou na época de sua construção, a partir de sua divulgação imobiliária, se utilizando da imagem do edifício como representante do crescimento e modernização da cidade. Jales *et al* (2024) destaca a ampla gama de usos presentes no

edifício, englobando desde uma área comercial, apartamentos residenciais, um hotel e a partir de 1963, passou a abrigar a sede da TV Borborema em seu pavimento intermediário.

Frente a realidade paraibana em si, também é curioso observar uma questão quanto ao seu pioneirismo, enquanto provável primeiro exemplar dessa tipologia no estado. Apesar de necessitar de um maior aprofundamento para essa afirmação, trabalhos como o de Trajano Filho (2022), a respeito do Edifício Presidente João Pessoa – Popularmente conhecido como “18 andares” – Considerado o primeiro edifício alto da capital – Traz algumas datas que podem corroborar com essa ideia.

Figura 3: Edifício Rique (ao centro) e seu contexto de entorno no centro histórico de Campina Grande.



Fonte: Autor (2022).

CONSOLIDAÇÃO

Jales *et al* (2024) cita que a continuidade dos anos 1960 demarcaria um ápice desse crescimento, bem como a consolidação da arquitetura moderna campinense. Das inúmeras tipologias e exemplares presentes na cidade, o edifício alto pode ser colocado como um dos pontos culminantes desse processo, dado as necessidades de capital e desenvolvimento construtivo para sua viabilidade e concepção. Nessa década a cidade viria a passar por inúmeras intervenções, essas advindas do processo da comemoração do primeiro centenário de Campina Grande, a ser comemorado em 1964. Até a data, a cidade ganhou diversas obras e intervenções de cunho público – Dentro de um programa de construção do governo estadual e municipal – A exemplo de novo Fórum e Parque de Exposições, construídos dentro das comemorações.

No universo privado, o desenvolvimento econômico é registrado por importante publicação nessa década (IBGE, 1963), o que exemplifica bem os olhares externos despertados pela cidade no âmbito brasileiro. Destacando as intervenções públicas, bem como elementos construídos pelo setor privado, o exemplo dos primeiros edifícios que surgiam e residências de alto padrão demarcavam sob esse olhar o desenvolvimento econômico observado localmente. Apesar dos aspectos positivos, os problemas urbanos existentes e advindos desse crescimento desenfreado não passaram despercebidos, como áreas de ocupação irregular e locais com necessidades de tratamento urbanístico.

Nesse contexto, em 1962 é aprovado o projeto do Edifício Engenheiro Roberto Palomo (originalmente nomeado Edifício Margarida Palomo) o segundo grande edifício construído em Campina Grande – Que viria a ter sua construção envolta em algumas polêmicas, até hoje desconhecidas – E finalizado em 1965.

Caracterizado por sua forma laminar, destaca-se visualmente na rua Maciel Pinheiro, uma das principais vias do centro de Campina Grande, possuindo ainda uma galeria que promove uma interligação que atravessa sua quadra.

Figura 4: Fachada frontal do Edifício Palomo.



Fonte: Autor (2024).

Sua composição formal advém a partir do formato de seu terreno, gerando um volume construído com 56 metros de comprimento por 8 metros de largura. No ano seguinte, é aprovada a construção do Edifício Lucas, o último exemplar do edifício alto planejado e finalizado em Campina Grande. Construído entre os anos de 1963 e 1967, localiza-se próximo a Praça da Bandeira e rente ao Calçadão da Cardoso Vieira, importantes pontos referenciais locais. Sua volumetria destaca-se por duas lâminas, interligadas por um core vertical comum, além da curva característica da lâmina sul, de modo que o edifício parece acompanhar o formato inclinado de seu terreno.

Figura 5: Fachada frontal do Edifício Lucas.



Fonte: Autor (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passando a se destacar na paisagem ao longo dos anos 1960, os edifícios construídos nesse áureo período da modernidade arquitetônica local estabelecem novas escalas na paisagem, despertando sentimentos ambíguos, entre favoráveis e contrários a esse tipo de construção (Macêdo, 2019). Em conjunto, o morar em apartamento parece não ter se consolidado até os anos 1970, acarretando no cancelamento de alguns empreendimentos, registrados por Macêdo (2019). Simbolizado pela paralisação da construção do Edifício Mota em 1970, esse primeiro período de verticalização campinense se destacou por seus exemplares de uso misto, bem como por se constituírem célebres exemplares da produção edificada do arquiteto Hugo Marques, autor da quase totalidade desses edifícios.

Figura 6: Vista aérea do Centro de Campina Grande no início dos anos 1970.



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2024).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Alcilia. Campina Grande Moderna. Campina Grande (PB): EDUFCG, 2022.
- ALMEIDA, Adriana. Modernização e Modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970). 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (IAU-USP), São Carlos.
- CABRAL FILHO, Severino. A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). Doutorado (Sociologia–UFPB), João Pessoa, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 1962.
- JALES, Lucas; ROCHA, Germana; VIDAL, Wylinna. A poética construtiva do vertical moderno: Uma Análise tectônica do Edifício Palomo. In: X Seminário Docomomo Norte-Nordeste, 2024, Campina Grande. X Seminário Docomomo No-Ne: Anais, 2024.
- MACÊDO, Jéssica. Percepções ao crescimento vertical: difusão e recepção na cidade de Campina Grande, PB (1942-1969). In: 6º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação, 2019, Belo Horizonte: Anais, 2019.
- NERY, Juliana Cardoso. Configurações da Metrópole Moderna - os arranha-céus de Belo Horizonte - 1940/1960. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte.
- QUEIROZ, Marcus Vinicius. Quem te vê não te conhece mais: Arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (IAU-USP), São Carlos.
- TRAJANO FILHO, Francisco Sales. Arquitetura, cidade e políticas da habitação na construção do Edifício Presidente João Pessoa. Registros, v. 18, n. 1, p. 106-127, 2022.

